



O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING AND LEARNING: CONSIDERATIONS ABOUT THE CHALLENGES IN FUNDAMENTAL EDUCATION

Andressa Simões Andrade
Sílvia Mara Afonso da Silva
Jorge Lucas Marcelo dos Santos

RESUMO: Existem vários estudos sobre a relação ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Em parte, eles buscam uma melhora da qualidade da Educação em geral. Contudo, ainda apresentam lacunas a serem preenchidas, ou melhor, estudadas. Quando comparada a outras disciplinas, a Língua Portuguesa é considerada de difícil compreensão no que se refere à gramática normativa, especialmente. Além disso, por vezes, o ensino de LP não valoriza os outros saberes dos alunos, sendo estes adquiridos por meio da cultura, crenças e costumes, bem como do contexto social no qual eles estão inseridos. Dado isso, objetivamos discutir e compreender, a partir de Travaglia (2006), Bakhtin (1986), junto aos PCN's de Língua Portuguesa, o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental I considerando as principais dificuldades encontradas por alunos e professores. Diante disso, a metodologia adotada é bibliográfica.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Desafios. Sujeito. Linguagem. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT: There are several studies on the relationship between teaching and learning Portuguese. In part, they seek to improve the quality of education in general. However, they still have gaps to be filled, or better, studied. When compared to other disciplines, the Portuguese language is considered difficult to understand with regard to normative grammar, especially. In addition, sometimes teaching LP does not value other students' knowledge, which is acquired through culture, beliefs and customs, as well as the social context in which they are inserted. Given this, we aim to discuss and understand, from Travaglia (2006), Bakhtin (1986), with the Portuguese Language PCN's, the process of teaching and learning Portuguese in elementary school I considering the main difficulties encountered by students and teachers. Therefore, the methodology adopted is bibliographic.

Keywords: Portuguese language. Challenges. Subject. Language. Teaching. Learning.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa ainda tem apresentado grandes desafios. É comum ouvirmos relatos de alunos que chegam ao 5º ano do ensino fundamental I com dificuldades de interpretar o que leem – e vemos que essa dificuldade é recorrente –, ainda mais quando consideramos a aquisição da norma culta da Língua Portuguesa, ou seja, a aprendizagem gramatical. É possível encontrar pessoas que já passaram pelo processo de escolarização, mas que ainda não conseguem escrever textos com o adequado uso dos elementos de coesão, por exemplo. Neste sentido, através de uma pesquisa bibliográfica, amparada nos PCN's e em autores como, por exemplo, Travaglia (2006), Bakhtin (1986), entre outros, nos propomos a responder a seguinte indagação: Quais são os desafios do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino fundamental I?

Apesar do processo educativo não acontecer somente na escola, a sociedade estabeleceu que é o ambiente escolar o responsável pela educação. Nessa perspectiva, não podemos enxergar a Língua Portuguesa apenas como um conjunto de regras a serem ensinadas e seguidas; ela se dá também por meio das relações e é por meio dela que conseguimos nos comunicar e assim vivermos em sociedade. Conforme afirma Bakhtin (2000):

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e que reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2000, p. 326).

Para que haja uma educação de qualidade deve-se, pensando nas necessidades do aprendente, oferecer meios de supri-las. Desta forma, é importante que se trabalhe essa disciplina de modo coerente, a fim de possibilitar ao aprendente a capacidade de explorar o mundo, criando, inventando e interagindo. “Ao discutir sobre o ensino de Língua Portuguesa, é importante lembrar que essa concepção dialógica de ensino não é nova e vem sendo difundida nas últimas décadas visando o pleno desenvolvimento dos educandos [...]” (SANTOS; DERING, 2019, p. 51). Logo, para isso, faz-se necessário identificar algumas lacunas deixadas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, oferecendo ao aluno uma aprendizagem significativa.

Partindo disso, é imprescindível que o professor contribua com o desenvolvimento linguístico do sujeito de forma integral, uma vez que esse desenvolvimento possibilitará que eles escolham a língua funcional adequada a cada momento, sendo possível que os educandos tenham condições para participar socialmente de forma ativa e crítica.

Compreender o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental I considerando os principais desafios encontrados por alunos e professores é o objetivo desse trabalho.

Mas para que isso ocorra se faz necessário refletir sobre a necessidade do ensino de Língua Portuguesa para a formação, bem como sobre seu aprendizado e desdobramentos no desenvolvimento linguístico do sujeito.

Devido ao fato de serem grandes e recorrentes os desafios no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, o método qualitativo foi escolhido a fim de analisar e refletir sobre tais adversidades para encontrar ferramentas que possam mudar ou contribuir para um ensino e aprendizado significativo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo de base bibliográfica se configura como modalidade de pesquisa qualitativa. Assim sendo, o uso desse método facilitará a compreensão da pesquisa, de forma que o método qualitativo buscará aprofundar os nossos conhecimentos a cerca do tema escolhido com embasamento teórico e analisar quais são os desafios do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino fundamental I.

De acordo com Deslauriers (1991),

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

Para tanto, fizemos a leitura de livros, artigos e outros textos científicos baseados em fundamentos teóricos que permitem compreender as reflexões, discussões, análise e conclusões dos autores abordados, a fim de compreender o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental I considerando os principais desafios encontrados por alunos e professores. Mas para que isso ocorra se faz necessário refletir sobre a necessidade do ensino de Língua Portuguesa para a formação, bem como sobre seu aprendizado e desdobramentos no desenvolvimento linguístico do sujeito. Tal reflexão só foi possível de ser realizada por intermédio de uma pesquisa amparada nos PCN's e em autores como, por exemplo, Travaglia (2006) e Bakhtin (1986).

O artigo segue a seguinte estrutura: introdução, em que apresentamos algumas reflexões acerca dos desafios do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental I; metodologia da pesquisa, que, com o objetivo de compreender esse processo de ensino e aprendizagem considerando as principais dificuldades encontradas por alunos e professores, sustentou-se nas reflexões de Travaglia e Bakhtin junto aos PCN's. Por fim, as considerações, que permeiam as práticas dos professores, uma vez que para que a aprendizagem ocorra e penetre em todas as parcelas da existência do ser, o aluno precisa ser protagonista no processo, mas isso só ocorrerá se o aprendizado

for significativo. Dessa forma, vê-se a necessidade de reformular as metodologias do ensino de Língua Portuguesa para garantir que, de fato, o aprendizado ocorra.

LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

A comunicação, enquanto fato social, é um dos elementos que constituem o processo educacional. A educação só será efetiva como sendo um ato comunicativo e um conjunto de procedimentos para a conexão entre as pessoas. Trata-se, portanto, de um eixo transversal na prática educacional entre professores e alunos. Dessa forma, ela será a base para as relações sociais, e só ocorrerá por meio do uso da linguagem. A linguagem é o código pelo qual o homem pode elaborar mensagens e emití-las para outrem, é a ferramenta utilizada para manifestar sentimentos, conceitos e ideias, e é por meio dela que o indivíduo se expressa e interage com o mundo em que vive de forma crítica e ativa.

Vemos então que a fala/leitura e a escrita são fatores essenciais a todas as pessoas e está presente em, praticamente, todas as atividades que executamos no dia a dia. Deste modo:

Entendemos que a leitura pode ser trabalhada de forma que busque trazer reflexões do sujeito frente ao mundo, visto, principalmente, a gama de informações que recebemos. Contudo, os materiais de leitura – bem como de leitura literária – na escola parecem não contribuir como deveriam, visto que, muitas vezes, não são atraentes para os olhares curiosos das crianças e adolescentes, apesar de serem destinados a elas. (SILVA, DERING, 2020, p. 80)

Entretanto, muito mais do que falar/ler e escrever, é preciso interpretar, ou seja, compreender o que se foi dito/lido. Nesse sentido, a gramática, além de apresentar regras, também exerce a função de analisar as estruturas que o falante de uma língua tem programado em sua memória e que lhe permitem usar sua língua e descrever o sistema de um idioma. É, segundo definição do Dicionário Aurélio, “o estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam”. Assim, uma vez que a gramática é um dos eixos da Língua Portuguesa, é por meio dela que seremos capazes de escrever e nos comunicar melhor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), apontam que:

O espaço da língua portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal, fazer compreender que na linguagem é possível transformar/ reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano. Enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante como outros textos (BRASIL, 2000, p. 22-23).

Segundo Travaglia (2006), o ensino da língua materna visa ampliar os saberes linguísticos do aluno, que são indispensáveis para que se participe ativamente da sociedade. Afinal, para que haja essa participação de forma efetiva é necessário que ocorra, de fato, a comunicação. Ou seja, uma plena interação entre locutor e interlocutor.

Ao longo do ensino fundamental, partindo da prática pedagógica de Língua Portuguesa, Santos (2009) diz que o aluno deve apropriar-se de um conjunto de conhecimentos para que competências e habilidades possam ser construídas, além de alguns valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem, sugeridos em sala de aulas, a fim de que o aluno seja capaz de assumir uma postura ética e responsável como usuário da Língua Portuguesa nas práticas sociais.

Além disso, os próprios PCN's também mostram a importância do estudo de Língua Portuguesa ao dizer que:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 15)

Embora o uso da Língua Portuguesa esteja arraigado desde a infância, percebe-se que falar, apenas, não basta. Deve-se saber ler, escrever, interpretar, e fazer isso bem, uma vez que dominar o Português é a condição fundamental para que haja uma boa comunicação, para o sucesso profissional, além de ser indispensável para o aprendizado de outras disciplinas.

Sobre isso, Duarte (2005) acrescenta que:

A atividade vital humana, sendo originariamente coletiva, exige, portanto, a atividade comunicativa. A atividade de comunicação foi, ao longo da história primitiva, se objetivando em processos que geraram a linguagem. [...] Sem apropriar-se da linguagem, dos objetos e dos usos e costumes ninguém pode existir enquanto ser humano. (DUARTE, apud Cavalcante, 2005, s/p)

Portanto, vemos o quão importante é esse fator no processo de construção enquanto sujeito, pois a partir da linguagem os indivíduos vão se apropriando da realidade e construindo conceitos que irão permitir que se desenvolvam e assim possam agir no mundo, de forma a mudá-lo e imprimir nele seu modo de pensar (subjetividade). Vale ressaltar que esse processo de objetivação-subjetivação varia de sujeito para sujeito, uma vez que são vários os fatores que influenciam nesse processo de construção.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Além de uma concepção de língua e/ou linguagem por parte dos professores e de seus livros didáticos, observamos que o ensino da Língua Portuguesa está diretamente ligado a um tipo específico de gramática. Sobre isso, basicamente, segundo Travaglia, há três tipos de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada.

Conforme Antunes (2003):

Quando alguém é capaz de falar uma língua, é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua (além, é claro, de outras de natureza pragmática) na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras da formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática. (ANTUNES, 2003, p. 85-86)

Sendo assim, a gramática normativa funciona como um manual de regras de bom uso da língua a serem seguidas para falar e escrever bem. Todas as outras formas de uso da língua são desvios, erros, deformações, degenerações, ou seja, tudo que foge a esse padrão é "errado", há apenas uma forma correta. A gramática descritiva não aponta erros, ela identifica as formas de comunicação existentes, descrevendo a estrutura e o funcionamento da língua. Já a internalizada percebe a gramática como um conjunto de regras que o falante domina e que utiliza em determinada situação de interação, de maneira que as frases e sequências das palavras são compreensíveis e reconhecidas como pertencentes a uma língua.

Para que a prática pedagógica aconteça, é necessário que o professor tenha uma concepção de linguagem inerente a sua prática. De acordo com Travaglia (2002, p.21), "(...) o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação".

No que diz respeito às concepções de linguagem, podemos classificá-las em:

- Linguagem como expressão do pensamento (ensino prescritivo/normativo): onde existe apenas uma norma/regra para falar e escrever bem e todas as outras formas de comunicação são desconsideradas.
- Linguagem como instrumento de comunicação (ensino descritivo): a linguagem é percebida como um meio para comunicação. O falante (emissor) tem em sua mente uma mensagem (código) a transmitir a um ouvinte (receptor).
- Linguagem como meio de interação (ensino interacional): toda atividade humana está relacionada com a utilização da língua e o que é dito provoca uma ação no interlocutor. Ou seja, a linguagem (adequada a cada ambiente) é vista como uma interação humana.

Bakhtin (1986) ressalta que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1986, p.123)

Diante disso, são as concepções de linguagem e os tipos de gramática que irão ditar a forma pela qual o ensino de Língua Portuguesa ocorrerá. Mas é válido ressaltar que, não há certo e errado, apenas o adequado e o inadequado. O respeito à variação linguística, seja ela qual for, precisa existir e, por isso,

deve ser ensinado. O aprendente precisa ser capaz de identificar, nas suas situações de interação, a variante existente, tendo em sua mente a norma padrão e ainda assim, conseguir se comunicar de forma adequada. Ou seja, o ensino deve ter, prioritariamente, como objetivo, desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

O ensino de Língua Portuguesa deve ilustrar a importância de o saber falar e escrever de forma culta, entretanto, é necessário respeitar e considerar as individualidades do aluno tornando-o capaz de identificar as variadas linguagens e saber utilizá-las em momentos apropriados.

De acordo com Heidegger:

A linguagem é a casa do ser. O homem, habitando-a, existe. Ela se constitui a passagem obrigatória de todos os trajetos do pensamento, revelando em palavras a existência do ser homem, de sua essência. O homem é o pastor do ser, seu guardião. Nesse caso, guarda o sentido do ser, ou seja, cuida de ser através da linguagem. (HEIDEGGER, 1991; apud SANTOS, 2009; p.60).

Para que verdadeiramente a aprendizagem aconteça, faz-se necessário que se mude essa concepção mecânica da Língua Portuguesa. Também é preciso que a falta de leitura e interpretação de textos, as evasões da Língua Portuguesa, a pronúncia das palavras, as concordâncias verbais, entre outros aspectos, bem como, os problemas relacionados ao ensino da língua sejam solucionados.

Diante disso, Leite (1997) afirma que:

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando à produção correta do enunciado comunicativo culta, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la (...) (LEITE, 1997, p. 24)

Quando se pensa em ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, deve-se valorizar as práticas discursivas (leitura, oralidade e escrita), o contato com obra ao ensinar literatura; a experiência de leitura, como meio de o aluno ler, interpretar, para posteriormente produzir textos dos mais variados gêneros; o aprimoramento linguístico e a interação entre os sujeitos envolvidos na aprendizagem. Destaca-se, nesse ponto, que: “A literatura, como formação humana, cumpre seu papel quando se é lida e não quando exclui obras ou autores pelo estabelecimento do que seja cultura maior ou menor.” (DERING, MARTINS, SILVA, 2019, p. 303). Logo, a literatura, no contexto proposto, deve ser vista como uma prática discursiva rica no processo ensino-aprendizagem.

Atrelado a isso, portanto, vê-se a necessidade de rever a postura do professor frente a essas situações; uma vez que eles mudam as concepções, mas não as praticam. Segundo Venturi (2013):

Para ser um bom professor, nada mais relevante que a didática, com a premissa de que no ambiente da sala de aula são intensas e constantes as mudanças, o que requer reciclagem continuada. Destarte, a simbiose entre a paixão pelo ensino e a vontade de investir na própria formação demonstram quem realmente quer ser um bom didata. O professor deve ser um eterno aprendiz, mantendo-se atualizado

nos avanços da sua matéria e das novas práticas e tecnologias educacionais. Aula que tem de ser dada merece ser bem dada e, para tanto, bem preparada. É um ganha-ganha, pois agrega valores ao aluno e ao professor. (VENTURI, 2013)

A didática do professor é de fundamental importância para que as aulas funcionem de fato. Devemos internalizar que o professor só ensina quando o aluno aprende e não o contrário, a aprendizagem sempre deve ser colocada como mais importante do que o ensino. Muitos acreditam que os fracassos escolares são originados dos problemas de aprendizagem, mas não se questionam que o problema pode estar na deficiência da ensinagem.

OS DESAFIOS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM, GRAMÁTICA, COMUNICAÇÃO E ENSINO

Contraposta às outras disciplinas, o ensino de Língua Portuguesa é considerado de alto nível de complexidade. Isso se deve ao uso de metodologias que não valorizam o conhecimento do educando e que consideram a gramática normativa como única correta. Selbach (2010), afirma que:

Sob certos aspectos, o aluno que aprende matemática, geografia, história, ciências ou ainda outro agrupamento conceitual sente que está como que aprendendo a andar de bicicleta e, assim, firmará seu progresso em cada manifestação onde esse saber se expõe. A Língua Portuguesa, desde o berço praticada e frequente para o aluno antes de chegar à escola e antes da aula começar, é vista mais ou menos como um complemento de um aperfeiçoamento que o melhora, mas não o inova. (SELBACH, 2010, p. 43)

O processo educativo não acontece somente na escola, mas a sociedade estabeleceu que o ambiente escolar é socialmente responsável pela educação, então os saberes apreendidos fora desse ambiente (educação informal) são colocados como menos importantes. O resultado da exclusão desses saberes que foram internalizados fora da escola é uma aprendizagem sem significado.

Para que a aprendizagem ocorra, ela precisa ser significativa e o aluno tem que ser sujeito do processo. Rogers (2001, p. 01) conceitua a aprendizagem significativa como sendo mais do que uma acumulação de fatos, mas uma aprendizagem que provoca modificação quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolherá ou nas suas atitudes e personalidade. Uma aprendizagem que penetra em todas as parcelas da existência do ser.

Além desse estranhamento em relação à Língua Portuguesa, o confronto entre o método tradicional e as novas visões educacionais geram, no educador, dificuldades na adequação do melhor método para cada situação educacional. É através dessa adequação que o professor possibilitará a aprendizagem e a produção de conhecimentos por parte do educando.

Possenti (1996) diz que:

Conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situação real. (POSSENTI, 1996, p. 54)

Pode-se considerar que os mecanismos de alfabetização que buscam codificar e decodificar símbolos linguísticos são insuficientes no âmbito do letramento, que desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. O sujeito letrado vai além dessa codificação e decodificação, ele é capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos diferentes contextos que se insere.

A respeito do letramento, ele é um verbete novo e técnico que surge a partir de uma constatação da realidade social de que não basta somente saber ler e escrever, mas apropriar-se das práticas sociais do ler e escrever, ou seja, tornar-se uma pessoa capaz de usar a escrita e a leitura com desenvoltura, utilizando-as com propriedade para que consiga dar conta das atribuições pessoais e profissionais que o novo cenário social exige.

De fato, ainda é preciso aprender a ler e escrever, mas a alfabetização, entendida como aquisição de habilidades de mera decodificação e codificação da linguagem escrita e as correspondentes dicotomias analfabetismo x alfabetização e analfabeto x alfabetizado não bastam mais. É preciso, hoje, também saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais, e esse algo mais é o que se vem designando “letramento”. (MORTATTI, 2004, p. 34)

A partir de Mortatti (2004), percebemos que se faz necessário que o indivíduo consiga fazer uso da leitura e escrita de forma consciente, de modo a atender a demanda social. Desse modo, a ausência de letramento é intrínseca ao fracasso escolar referente à escrita e leitura. O que nos mostra que é preciso reformular as metodologias do ensino de Língua Portuguesa para garantir, de fato, um pleno aprendizado.

De acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares de Língua Portuguesa (1997):

No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais – inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série. (BRASIL, 1997, p. 14)

É válido afirmar que são muitos os desafios incorporados ao ensino de Língua Portuguesa, desafios esses que já surgem no início do processo de aquisição da leitura e escrita. O professor, nesse aspecto, pode fazer toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem, introduzindo metodologias ativas em

que o aluno se torna sujeito de sua produção de conhecimento, ou seja, o protagonista do seu desenvolvimento.

É preciso encontrar as falhas que existem no ensino e, de acordo com os PCN's, considerar alguns aspectos, como: os conhecimentos anteriores dos alunos em relação ao que se pretende ensinar, o nível de complexidade dos diferentes conteúdos e o nível de aprofundamento possível de cada conteúdo. Tais aspectos só ocorrerão quando o professor regente tiver um olhar sensível, que percebe e se atenta para todas essas questões e faz algo para mudá-las, utilizando diversas metodologias que contribuirão para uma aprendizagem significativa. Dessa forma, torna-se possível fazer uma ponte entre a metodologia correta, os recursos didáticos favoráveis e o novo conteúdo a ser ensinado.

CONSIDERAÇÕES

Discutir sobre os desafios do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino fundamental I é, sem dúvida, algo que não se finda em uma pesquisa. Vários pontos devem ser levantados, como: as dificuldades encontradas tanto pelos alunos quanto pelos professores para que ocorra um desenvolvimento linguístico favorável; como se dá a constituição desse indivíduo enquanto sujeito e os fatores que influenciam nesse processo de construção.

Diante da discussão e problematização do tema foi possível concluir que o ensino da língua materna visa ampliar os saberes linguísticos do aluno, que são indispensáveis para que se participe ativamente da sociedade. Não basta apenas saber falar, é preciso saber ler, escrever e interpretar bem, uma vez que dominar o Português é a condição fundamental para que haja uma boa comunicação, que é a base das relações sociais. É a partir da linguagem que os indivíduos vão se apropriando da realidade e construindo conceitos que irão permitir que se desenvolvam e assim possam agir no mundo, de forma a mudá-lo e imprimir nele sua subjetividade.

O ensino da Língua Portuguesa está diretamente ligado às concepções de linguagem e tipos de gramática e são tais fatores que irão ditar a forma pela qual o ensino ocorrerá. Entretanto, é importante salientar que o respeito à variação linguística, seja ela qual for, deve existir e o aprendente precisa ser capaz de identificar, nas suas situações de interação, a variante existente, tendo em sua mente a norma padrão e ainda assim, conseguir se comunicar de forma apropriada, empregando adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. Para isso, o professor deve valorizar as práticas discursivas e fazer uso de atividades que envolvam leitura, interpretação, produção e o contato com diversos materiais que promovam a interação e o aprimoramento linguístico do sujeito.

Para que a aprendizagem ocorra, ela precisa ser significativa, penetrar em todas as parcelas da existência do ser, e o aluno precisa ser protagonista no processo. Dessa forma, vê-se a necessidade de

reformular as metodologias do ensino de Língua Portuguesa para garantir que, de fato, o aprendizado ocorra. Nesse aspecto, o professor pode fazer toda a diferença, introduzindo metodologias ativas em que os alunos se tornem sujeitos de suas produções de conhecimento, considerando os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao que se pretende ensinar e verificando o nível de complexidade dos diferentes conteúdos e o nível de aprofundamento possível de cada conteúdo.

São muitos os desafios incorporados ao ensino de Língua Portuguesa, entretanto, fazer uma ponte entre a metodologia correta, os recursos didáticos favoráveis e o novo conteúdo a ser ensinado, é o caminho para que os educandos se desenvolvam e sejam capazes de explorar o mundo, criando, inventando e interagindo socialmente de forma ativa e crítica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AUSUBEL, D. P. **A Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Moraes, 1982.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução por M. Lahud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **9**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa**. 1º e 2º ciclos. Brasília: 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEMT, 2000).
- CAVALCANTE, M. S. A. O. **O sujeito responsivo/ativo em Bakhtin e Lukács**. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2005, s.p. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/MariaDoSocorroAguiarDeOliveiraCavalcante.pdf> Acesso em 12 nov. 2015.
- DERING, Renato de Oliveira; MARTINS, Pauliany Carla; SILVA, Leandro Alves da. "A formação do sujeito-leitor pela experiencição do ato de ler: breves considerações". In. Schütz, Jenerton Alan et al. **Pesquisas e escritas em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- DESLAURIERS J. P. **Recherche Qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991. In: Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- LEITE, L. C. M. **Gramática e literatura: desencontros e esperanças**. In: GERALDI, J. W. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.
- MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem Significativa**. Brasília, ed. Da UNB, 1998.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

NOVE motivos para estudar português. **Grupo Preve**. Disponível em: <https://grupopreve.com.br/noticias/9-motivos-para-estudar-portugues> Acesso em: 25 de out. de 2019.

DITO fatores que mostram a importância do português no cotidiano. **Canal do ensino**. Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/8-fatores-que-mostram-a-importancia-do-portugues-no-cotidiano> . Acesso em: 25 de out. de 2019.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed. São Paulo: Martins, 2001.

SANTOS, Lucas Barbosa dos; DERING, Renato de Oliveira. As contribuições da sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa. **Revista Forproll**. Diamantina, Vol. 03, n. 01, p. 45-82, jan./jun. 2019.

SANTOS, Veraluci Lima dos. **Ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

SILVA, Gustavo Ribeiro da; DERING, Renato de Oliveira. Breves reflexões sobre a importância da leitura para a formação de um sujeito crítico. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.1 – 2020.

SELBACH, Simone *et al*. **Língua Portuguesa e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VENTURI, Jacir J. O foco deve ser a aprendizagem não a “ensinagem”. **Linha Direta**, 2013. Disponível em: <https://www.linhadireta.com.br/publico/imagens/pilares/dqg67vpzpbwq.pdf>. Acesso em: 25 de out. de 2019.

Andressa Simões
Andrade

Especialista em Psicopedagogia
(ICG). Graduada em Pedagogia
(Centro Universitário de Goiás).

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/9226413418656452>

E-mail:
andressasimoes94@gmail.com

Sílvia Mara Afonso da
Silva

Graduada em Pedagogia (UFG).
Professora da rede particular
de Ensino de Goiânia.

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/8231229786661920>

E-mail: silvia.afonso@live.com.pt

Jorge Lucas Marcelo
dos Santos

Mestre em Educação,
Linguagem e Tecnologia, pela da
Universidade Estadual de Goiás
- UEG. Formou-se em Letras
pela Universidade Federal de
Goiás - UFG, e em Pedagogia
pela FAFIBE.

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/2315543302516594>

Orcid: 0000-0002-9723-4326

E-mail:
jorgelucasletras@hotmail.com

Recebido: 12/02/2020

Aceito: 21/02/2020